
Anta da Vidigueira (Freixo, Redondo): intervenção de caracterização

RUI MATALOTO*
RUI BOAVENTURA**

Viriato esperou ao exército Romano, e dahi desceo a dar-lhe batalha: como se manifesta também nas muitas Antas, que estão ainda em nossos tempos ao redor, e fraldas desta serra, cujos sítios conservão os nomes das ditas Antas.

Frei Henrique de Santo António, *Crónica dos Eremitas da Serra d'Ossa*, 1745, p. 82

R E S U M O

Apresentam-se os resultados da intervenção arqueológica na anta da Vidigueira, procurando enquadrá-la no âmbito do Megalitismo da região do Redondo, contribuindo assim com mais alguns dados para o conhecimento deste fenómeno funerário durante os IV e III milénios a.n.e.

A B S T R A C T

The results of the archaeological excavation at the dolmen of Vidigueira are presented here. Within the Megalithism of the region of Redondo an attempt is conducted to put it into context, aiming to contribute with more data for a better knowledge of this funerary phenomenon that occurred during the 4th and 3rd millennia BCE.

Uma anta dos arredores de Évora: localização e história da investigação

A anta da Vidigueira (Código Nacional de Sítio 749) situa-se na extremidade sudoeste do extenso patamar que medeia entre a aba sul da serra d'Ossa e a extensa planície central do Redondo, nas imediações da aldeia do Freixo, concelho do Redondo (Alto Alentejo). Integra-se, deste modo, num extenso e diverso conjunto megalítico que se concentra neste contexto paisagístico, na extremidade noroeste do concelho (Figs. 1 e 13). A falda meridional deste patamar é marcada pela transição entre os terrenos ondulados dos gnaisses e a planície granítica, potenciadora de um Megalitismo de grandes dimensões. O sepulcro megalítico encontra-se no interior murado da horta da respectiva quinta, numa área aplanada, baixa, junto de ligeiras elevações, tendo-se dela uma paisagem particularmente limitada para norte e poente, mas ampla para sul e nascente.

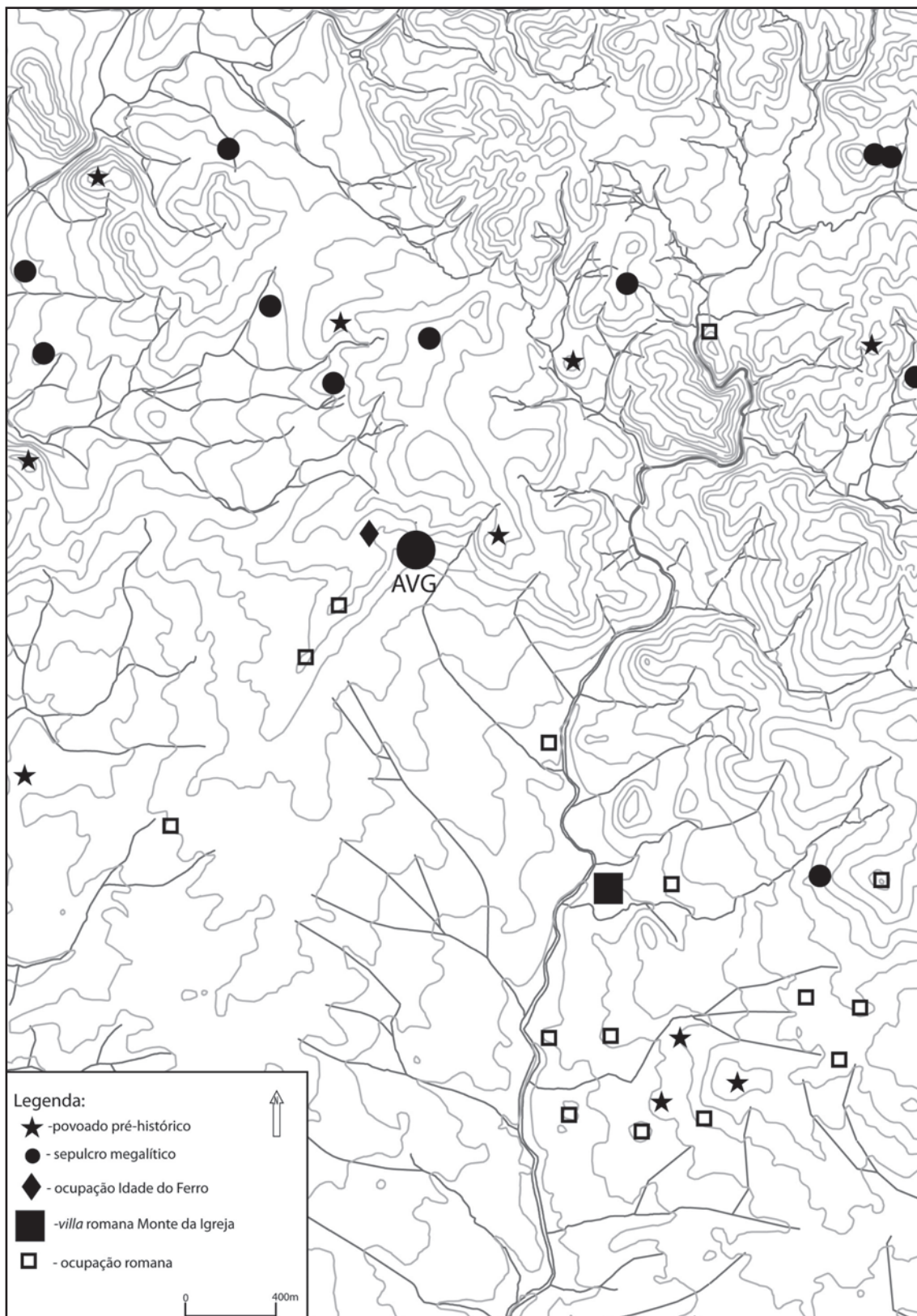


Fig. 1 Anta da Vidigueira (AVG), no quadro do povoamento envolvente no Neolítico, Idade do Ferro e Época Romana (base cartográfica 1:10 000 CMR).



Fig. 2 Vista geral de sul do monumento ao início dos trabalhos.

Em 1879, Gabriel Pereira deu a conhecer a anta da Vidigueira, na sequência da sua visita à sua congénere da Candeeira, também nas imediações da serra d'Ossa (Pereira, 1879). Pouco depois, fazendo eco deste achado, Possidónio da Silva faz uma pequena nota sobre os achados do erudito eborense em publicação de mais vasta divulgação que a edição anterior (Silva, 1883). Terá sido este facto, a sua divulgação nacional, que terá conduzido à sua integração nas listagens de sítios classificados como Monumento Nacional, em Junho de 1910, pela mão de José Leite de Vasconcelos.

Em meados dos anos 40, mais exactamente no dia 8 de Março de 1945, como consta nos documentos detectados no Arquivo Leisner por um de nós (R.B.), o casal Georg e Vera Leisner visitaram a anta da Vidigueira e efectuaram o desenho da sua planta e alçado, que viriam a publicar em 1949 pela primeira vez na revista “A Cidade de Évora” no trabalho onde recuperaram, em jeito de homenagem, o título publicado primeiramente por Gabriel Pereira, “*Antas dos arredores de Évora*” (Leisner & Leisner, 1949). Neste mesmo trabalho dá-se a conhecer um número alargado de monumentos no concelho do Redondo, presentes um pouco por toda a metade norte do concelho. Contudo, os arredores de Évora, ou pelo menos algumas das suas áreas, terão recebido uma primeira visita do casal alemão em 1932, como várias imagens e documentação do seu arquivo atesta, nomeadamente da anta da Herdade das Pimentas ou Pimentos (CNS 25615; Leisner & Leisner, 1949) (Fig. 3).

Creemos justo avançar aqui com uma pequena reflexão sobre o *modus operandi* do casal Leisner, que poderá explicar algumas das presenças e ausências nos seus trabalhos.

A monumental recolha do casal Leisner, efectuada numa altura de particulares carências e dificuldades, inclusive para ambos os intervenientes (Boaventura & Langley, 2006, no prelo), onde os meios de deslocação eram escassos e morosos, constitui ainda hoje uma referência mais que obrigatória na Arqueologia nacional. Todavia, surgem-nos ausências quase inexplicáveis, pela sua proximidade com outros monumentos conhecidos.



Fig. 3 Georg Leisner desenhando a anta da Herdade das Pimentas ou Pimentos (Évora), em 1932 (Arquivo Leisner, IGESPAR).

O caso concreto da envolvente da aldeia do Freixo espelha bastante bem essa realidade. Os investigadores alemães foram atraídos para esta área justamente pela publicação de diversos monumentos por Gabriel Pereira e Possidónio da Silva, nomeadamente a anta de Vidigueira, a anta da Candeeira (CNS 609) ou a anta de Colmeeiro 1 (então nomeada como das Tesouras – CNS 747). Na sequência destas visitas terão registado mais de uma vintena de outros monumentos no concelho. Contudo, a sua dependência, logística e não só, das boas vontades dos grandes lavradores locais, caso de Jerónimo Lino, que os acolheu na Quinta da Vidigueira, acabaria por condicionar bastante o seu conhecimento do território. Se por um lado agilizava as visitas fomentadas por relações familiares, também dificultava outras por questiúnculas entre proprietários a que os alemães eram alheios. cremos que poderá ser essa uma das razões pela qual o incansável casal não registou a presença de um grande número de monumentos megalíticos, alguns de grande dimensão e bom estado de conservação, na área poente da aldeia do Freixo, a escassas centenas de metros da quinta onde ficaram alojados, nomeadamente na área da Herdade da Quinta do Freixo (Fig. 12).

Ainda que tenham dado um contributo essencial ao conhecimento do Megalitismo no concelho do Redondo, não se detiveram em escavações em qualquer dos seus monumentos, provavelmente porque a sua atenção foi atraída para regiões com conjuntos numerosos de sepulcros megalíticos, bem como pelos apoios logísticos locais, em Reguengos de Monsaraz e Évora (Leisner, 1948, 1949; Leisner & Leisner, 1951). Parece ser também esse o caso da anta das Cabeças (Arraiolos), que depois de identificada durante as campanhas de prospecção megalítica do ano de 1944, foi seleccionada para uma intervenção no último trimestre de 1945 em colaboração com o então Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos (Leisner & Leisner, 1951, p. 14). Aliás, algumas das imagens daquela intervenção ilustram bem diversos aspectos curiosos da metodologia de escavação (Fig. 4)



Fig. 4 Aspecto da escavação arqueológica da anta das Cabeças (Arraiolos), em 1944 (Arquivo Leisner, IGESPAR).

— por exemplo, o facto de as terras exumadas da anta serem organizadas por montículos com a sua respectiva proveniência identificada para uma posterior crivagem.

Desde o trabalho do casal alemão, só a publicação da carta arqueológica do Redondo (Calado & Mataloto, 2001) veio permitir um alargamento do conhecimento destas estruturas funerárias, bem como uma melhor contextualização da anta da Vidigueira no quadro do Megalitismo local e regional.

Intervenção: propósitos, características e métodos

A criação do Ecomuseu do Redondo e a vontade de criar um conjunto de percursos ambientais onde a profundidade histórica da paisagem estivesse presente conduziram à proposta de se integrarem diversos monumentos megalíticos nos ditos percursos, sendo o caso da anta da Vidigueira um deles, dado que era já conhecido e visitado pela sua proximidade da estrada municipal n.º 524-1. Neste caso, como a intervenção impunha a abertura de acesso no muro da propriedade, melhoria do caminho e nova vedação, decidiu-se efectuar uma breve intervenção de caracterização, à falta de meios para uma intervenção alargada.

Os trabalhos resumiram-se a 12 dias de campo, entre 17 e 29 de Março de 2008, dirigidos por um dos signatários (R.M.), com o auxílio de jovens estudantes de arqueologia, nomeadamente, Diana Baptista, Inês Conde, Ivo Santos, Joana Lima, João Santo António e pontualmente o Dr. Pedro Lourenço.

A estratégia de abordagem visava um melhor conhecimento da estratigrafia interna do monumento, por um lado, e por outro compreender o estado de conservação da mamoa, que tinha sido recente e artificialmente aumentada do lado norte.

Assim sendo, foi decidida a implantação de um eixo longitudinal sensivelmente a meio da estrutura pétrea do sepulcro, que se iniciava aproximadamente ao centro do esteio de cabeceira e terminava, no início do corredor. Na área do corredor, no tramo inicial, a sondagem apresentava apenas cerca de 1 m de largura, expandindo-se junto da entrada, para sul, em 2 m, de modo a abarcarmos o contacto entre o corredor e um muro adossado ao único esteio conservado no lado esquerdo deste. A restante área correspondia à câmara do monumento. No exterior da estrutura pétrea do sepulcro, aproximadamente na separação entre a câmara e o corredor efectuou-se uma vala de sondagem, com cerca de 4 m de extensão por 1 m de largura, com vista a uma avaliação estratigráfica da aparente mamoa ainda preservada.

A intervenção seguiu os preceitos metodológicos das intervenções em área aberta, tal como definido por Harris (1979), com desenho em planta e fotografia de cada unidade estratigráfica.

As áreas intervencionadas foram posteriormente preenchidas de novo com os inertes retirados da escavação, sendo o interior da câmara reforçado com uma espessa camada de pedra, de modo a manter a estabilidade do monumento.

Arquitectura e estratigrafia: as leituras possíveis

A anta da Vidigueira é um sepulcro do tipo “clássico”, dentro do Megalitismo alentejano, apresentando uma câmara poligonal de sete esteios, com cerca de 3 m de diâmetro e um corredor conservado com cerca de 4 m de extensão, mantendo ainda em grande parte uma espessa tampa de cobertura, insculpida de várias dezenas de covinhas (Fig. 8). Os esteios da câmara, todos em granito, aparentemente local, apresentam uma altura em torno aos 2,2 m acima do solo, não se tendo alterado substancialmente o grau de conservação do monumento desde a visita do casal Leisner, talvez à excepção do esteio [59], o qual se encontraria menos inclinado.

No corredor, em pior estado de conservação, registou-se ainda a presença de quatro esteios, em granito, no lado norte, e apenas um no lado sul. De mencionar que o casal Leisner apenas identificou 3 esteios no lado norte do corredor, tendo nós verificado a presença do esteio [63].

Como já se afirmou, o interior do monumento não foi integralmente escavado, quer na câmara quer no corredor, no entanto, em vários casos, por exemplo no esteio [53] da câmara, ou no esteio [62] do corredor (Figs. 5 e 7), atingiu-se a sua base.

O monumento encontrava-se bastante afectado por remobilizações recentes e antigas, que poderão justificar a escassez de materiais coevos à construção, abundando os mais recentes. Todavia, é certo que em nenhum momento chegámos ao substrato granítico estéril de base, ainda que tenhamos descido, inclusivamente, abaixo da base dos esteios do corredor, e de alguns da câmara, sempre em níveis de revolvimento (Fig. 5).

A última grande acção de destruição e colmatação constava de uma depressão de revolvimento aberta na câmara do monumento, [9], a qual, por razões de segurança não chegámos a esvaziar totalmente. As unidades de preenchimento desta, [1], [16], [24] e [27], constavam essencialmente de lixos contemporâneos. Na câmara, sob esta grande unidade de corte, desenvolviam-se diversas unidades caracterizadas pela presença abundante de pedra, de médio e grande calibre, algumas bastante soltas, outras mais compactas, porque embaladas em sedimentos bastante argilosos, mas todas de aparente formação recente, ou pelo menos bastante mais recente que a utilização pré-histórica. Talvez apenas nos recantos, em áreas reduzidas junto dos esteios, se conservassem unidades antigas, ainda assim sem certezas, caso das unidades [41], [42] e [48], situadas junto aos esteios [54], [55] e [56], do lado sudoeste da câmara.



Fig. 5 Aspecto da anta da Vidigueira durante os trabalhos.

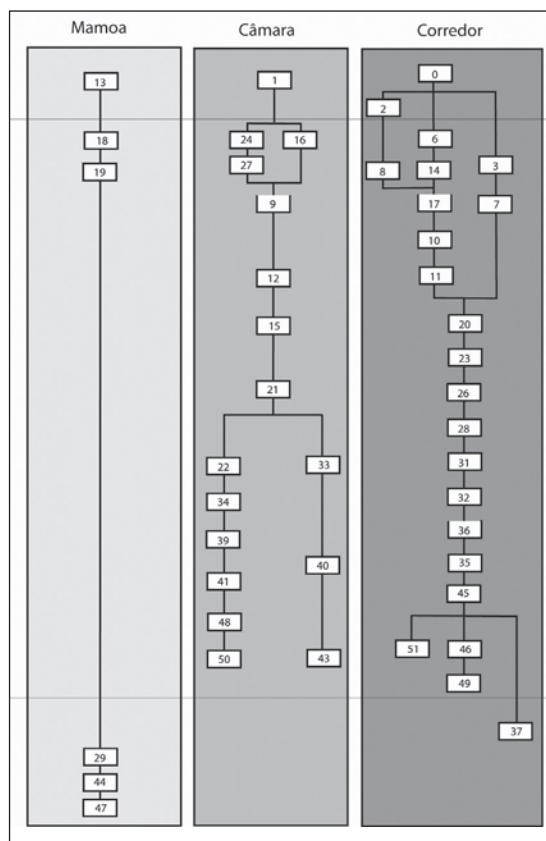


Fig. 6 Matriz estratigráfica das unidades intervencionadas na anta da Vidigueira.



Fig. 7 Vista geral de sul no final da intervenção, em Abril de 2008.

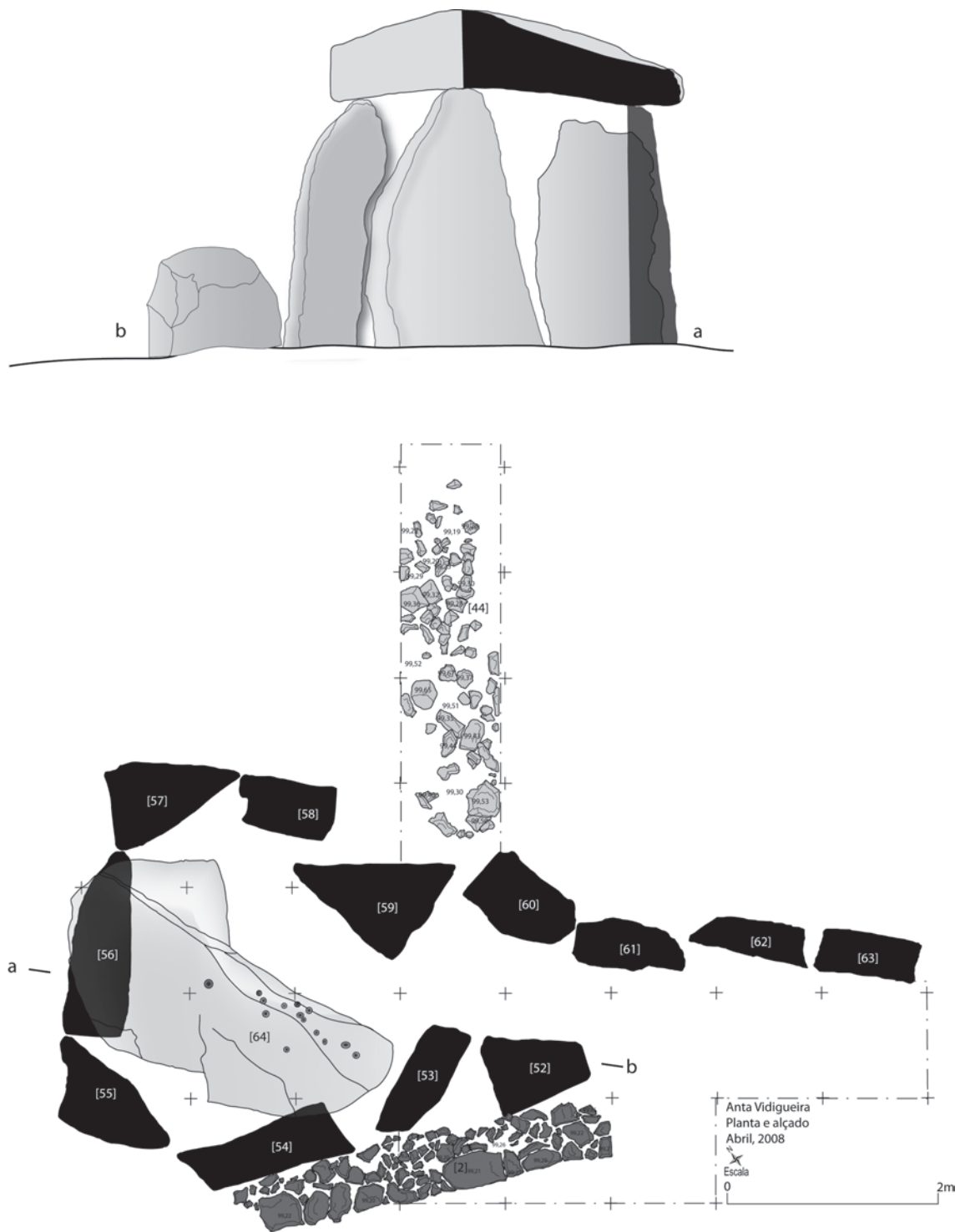


Fig. 8 Planta geral de estruturas e alçado interior sul da anta da Vidigueira. Alçado com base em desenho de campo de G. Leisner.

No corredor, por motivos que se prendem com a própria estabilidade do monumento, em particular do esteio [59] do lado norte, que faz a transição para a câmara (Fig. 5), por estar bastante inclinado, decidiu-se deixar uma área em reserva, junto deste. Na restante área, além de acções de saque de pedra, que conduziram à remoção dos esteios sul do corredor, à excepção de um, provavelmente em momento antigo, foram registadas diversas unidades de corte, caso da [17] ou [36], que por sua vez já deveriam resultar da abertura de estratos de revolvimentos antigos, a julgar pela presença de *tegulae* e *imbrices* até à base da estratigrafia escavada. No corredor, ainda que se tenha registado, pontualmente, a base de alguns esteios, não foi possível atingir níveis estéreis ou o substrato rochoso.

Na vala de sondagem na mamoa registou-se uma sequência de deposições recentes de terras amareladas relativamente soltas, algo arenosas, com raras pedras, que vieram sobrepor um estrato de terra bastante negra, argilosa e compacta, [30], que se deveria tratar da terra da mamoa original, tal como se verificou noutras colinas tumulares de sepulcros do concelho. Sob esta desenvolvia-se um pequeno “cairn” [44] (Figs. 8 e 9), caracterizado por uma massa compacta de pedras de pequeno, médio e raras de grande calibre, em forma de cunha, com um lado bem mais espesso junto dos esteios.

Julgamos necessário realçar este fenómeno das “mamoas negras” no Redondo, igualmente documentado à superfície das antas de Colmeiro 3 (o mesmo que anta 3 do Colmeiro – CNS 2100; Leisner & Leisner, 1959, p. 161) e de Herdade das Casas 5 (o mesmo que anta 5 da Herdade das Casas, CNS 19034)¹, onde se torna particularmente patente o facto de terem sido aduzidas terras na mamoa que claramente não são de proveniência local imediata, ou que terão sido preparadas, neste caso queimadas, aquando da sua adição à estrutura tumular da mamoa. A presença de alguns materiais arqueológicos de pequena dimensão, nomeadamente cerâmicas e elementos líticos, caso de percutores e lascas de quartzito, fazem suspeitar o transporte de terras de áreas de ocupação humana.

Por outro lado, ainda que não se encontre integrada num sítio de ocupação romana, implanta-se numa área de intensa ocupação desta época, distando escassas centenas de metros da grande *uilla* romana de Monte da Igreja (Calado & Mataloto, 2001, p. 77, 450-B.25), o que justificaria a presença de fortes violações, aparentemente deste período, pela integração de *tegulae* e *imbrices* nos enchimentos do corredor. Eventualmente será deste período a subtracção dos esteios do lado sul do corredor.

Um último momento de construção junto do monumento corresponde à unidade [2], um pequeno muro em pedra seca, de pequeno e médio calibre, adossado ao lado exterior do esteio [52]. Realizado “pouco depois do 25 de Abril, com autorização do dono”, tinha por função suportar alguns cortiços, usufruindo de boa exposição solar e protegidos do vento norte, favorecendo a produção de mel, atendendo à informação recolhida na quinta (Fig. 8).



Fig. 9 Vista da Unidade [44], estrutura de contenção pétrea, localizada no corte da mamoa.

As utilizações antigas: presenças e ausências

O conjunto artefactual correspondente à ocupação coeva da provável construção e utilização do sepulcro é particularmente escasso, quer na sua componente lítica, quer cerâmica.

As existências líticas parecem resultar, essencialmente, da utilização funerária da estrutura megalítica, enquanto depósitos votivos. Na câmara foram documentados alguns produtos alongados (Fig. 10), nomeadamente duas grandes lâminas de sílex, uma delas fracturada em duas partes, detectada em unidades distintas, [42] e [48], com ambos os bordos com retoque marginal e abrupto, e outra completa, também de sílex, sem retoque e parcialmente com córtex, documentada em [41]. Para além destas documentaram-se mais três fragmentos menores, igualmente de sílex, um no interior da câmara [33], e dois no corredor, [35] (Fig. 11).

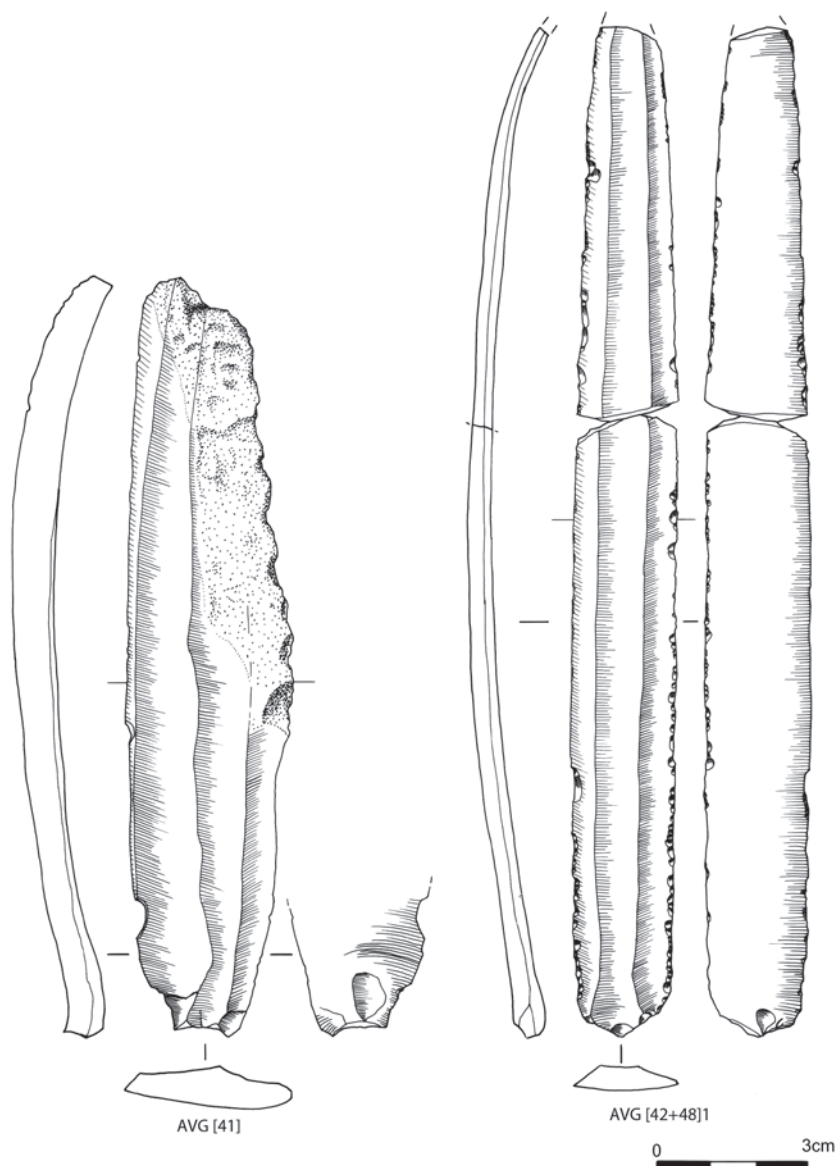


Fig. 10 Grandes lâminas identificadas no interior da câmara da anta da Vidigueira. Desenhos de F. Sousa.

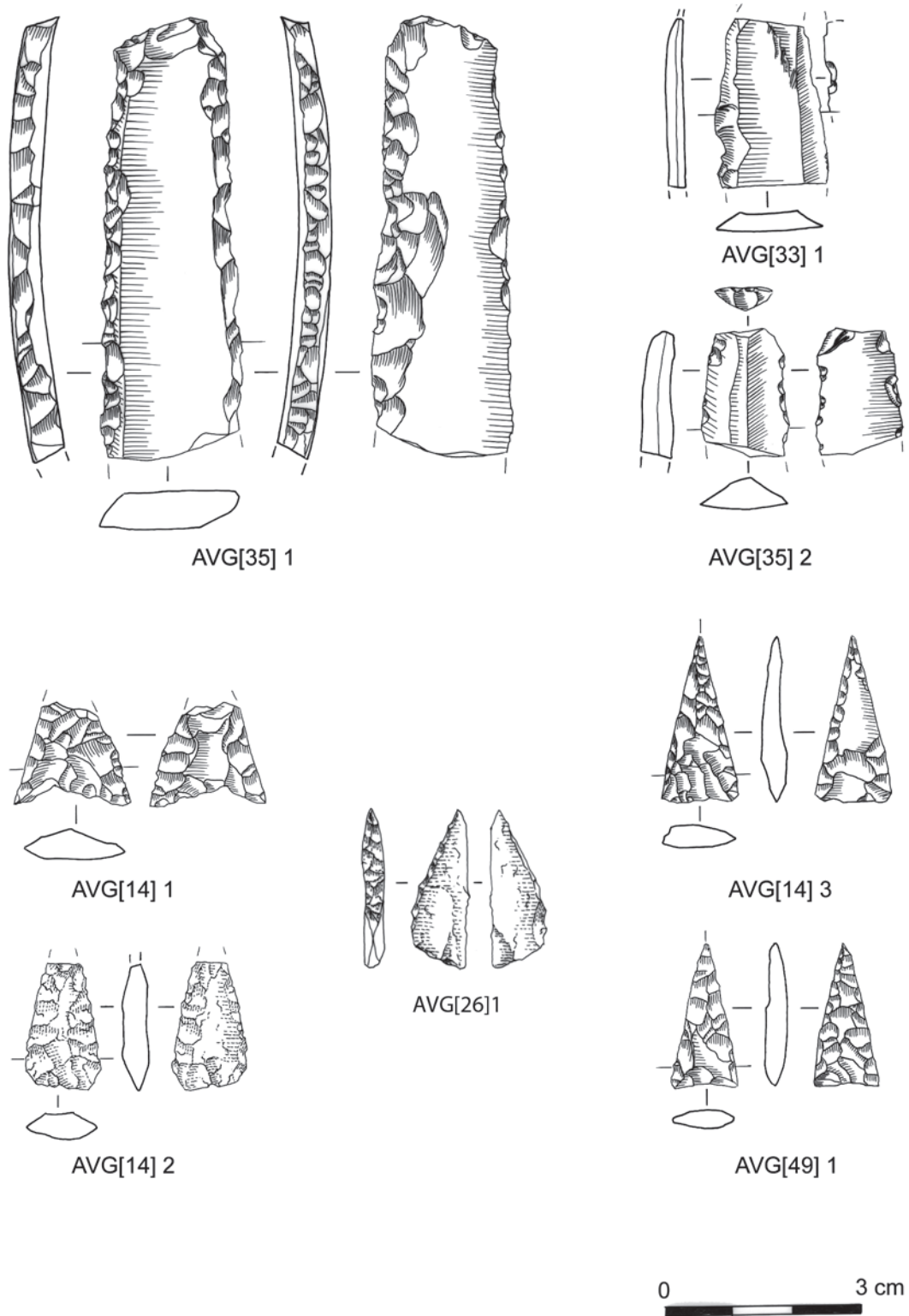


Fig. 11 Restante indústria lítica recolhida na intervenção da anta da Vidigueira. Desenhos de F. Sousa.

O produto alongado [42]+[48], pelas suas dimensões aproximadas (Comprimento - 200 mm x Largura - 20 mm), apresenta as características de uma grande lâmina, peça frequentemente associada ao período de transição do IV para o III milénio a.n.e. Aquela de [48] também se aproxima da anterior (C - 150 mm x L - 32 mm).

Na área do corredor e espaço adjacente recolheu-se um geométrico de tendência trapezoidal assimétrica, de quartzo branco, [26], e quatro pontas de seta, três de base recta e uma provável base côncava, que se integram nos tipos mais frequentes no Alentejo Central (Fig. 11). Das três primeiras, duas são de sílex ([14]3 e [49]1) e uma de quartzo branco ([14]2), enquanto a de base côncava é de xisto silicatado avermelhado ([14]1). No caso das duas pontas de seta de sílex é possível verificar que estas terão sido produzidas a partir de produto alongado.

Apesar de as terras terem sido crivadas apenas foi possível recolher três pequenas contas discoidais de xisto (Fig. 12). Foram ainda registados raros percutores na mamoa e no corredor.

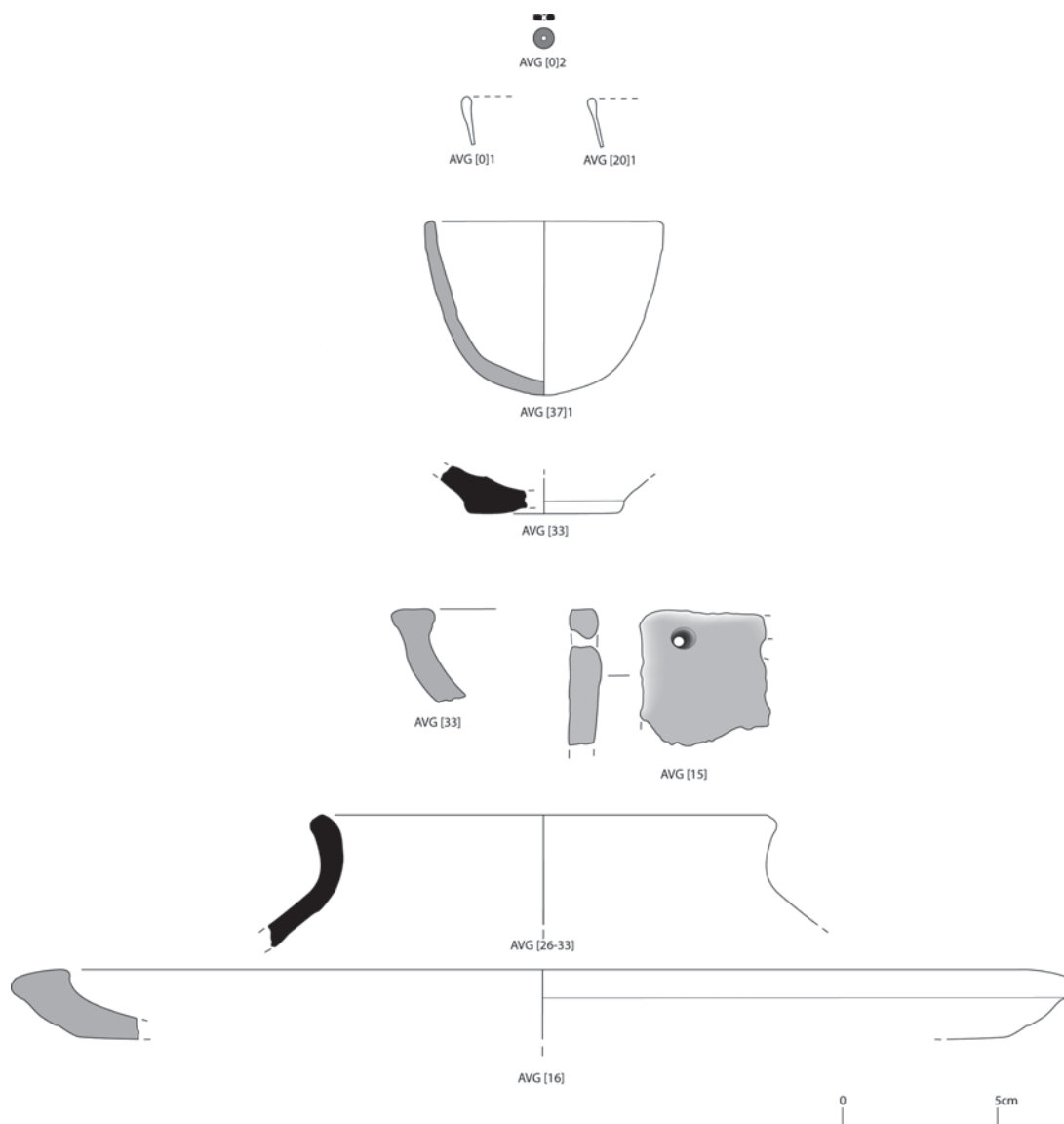


Fig. 12 Conjunto cerâmico, vítreo e lítico recolhido na intervenção da anta da Vidigueira.

O conjunto de utensílios de pedra polida, com a excepção das contas de colar de xisto, é uma das ausências que se destaca, por ser um dos espécimes frequentemente recolhidos nos sepulcros megalíticos alentejanos. Outro tipo de artefacto ausente é o ídolo-placa de xisto ardosiano, do qual nem um fragmento sequer foi registado.

Estas ausências poderão relacionar-se com eventuais espoliações anteriores mas, resulta estranho não terem sido localizados quaisquer indícios daqueles artefactos, pelo que uma certa intencionalidade e significado cronológico devem ser considerados. Contudo, como alguns recantos não foram escavados, a sua identificação poderá ainda vir a registar-se.

A cerâmica passível de atribuição pré-histórica é relativamente escassa, podendo agrupar-se num recipiente completo, claramente resultante de deposição votiva, e numa colecção de diversos pequenos fragmentos produzidos manualmente, de entre os quais se conseguem isolar vários pratos de bordo espessado internamente e um elemento de tear do tipo placa (Fig. 12). Todas as paredes cerâmicas apresentavam-se lisas, sem qualquer temática decorativa.

O recipiente cerâmico, [37], encontrava-se depositado junto à entrada do corredor, adjacente ao esteio [63] (Fig. 13). Este é um pequeno vaso hemisférico encontrando-se, aparentemente, isolado, ainda que se tenha localizado mesmo no limite da área intervencionada. A simplicidade da sua forma é bastante usual no contexto do Megalitismo alentejano.

Igualmente frequente é a presença de fragmentos de cerâmica manual de formas típicas de contextos habitacionais, caso de grandes pratos de bordo espessado e elementos de tear, no interior, e por vezes exterior, dos grandes sepulcros megalíticos alentejanos. Basta um breve repasso no segundo volume da obra *Die Megalithgräber* (Leisner & Leisner, 1959) para verificar diversos exemplos, como as antas do Olival da Pega, dos Cebolinhos ou das Areias 5, em Reguengos de Monsaraz. A origem destas cerâmicas é, ainda, complexa de assegurar, contudo, como já foi apontado, a utilização de terras provenientes de contextos habitacionais na construção da mamoa poderia ajudar a explicar a sua presença, adicionando igualmente uma enorme carga simbólica ontogénica na relação entre os espaços dos vivos e os dos mortos. Outra possibilidade, realçada no caso da anta de Vale Rodrigo 2 (Larsson, 2000), associa a presença de concentração de recipientes similares, no exterior da área de acesso àquele sepulcro, a depósitos votivos domésticos, nomeadamente alimentares.

A escassez de cerâmicas passíveis de caracterização formal impossibilita uma visão mais alargada, contudo, cremos que estas se incluem dentro das morfologias típicas da primeira metade do III milénio a.n.e. Na envolvente imediata do monumento não é conhecida qualquer grande ocupação, contudo, num raio de 1 km foram registadas diversas ocorrências de pequenas instalações enquadáveis dentro deste período, caso dos sítios dos Gainhos ou das Desouras (Calado & Mataloto, 2001, p. 50 – respectivamente, CMP 439-D.68 e 439-D.69), as quais podem, eventualmente, relacionar-se com estas presenças (Figs. 1 e 14).

Perante o conjunto pré-histórico reunido, quer lítico quer cerâmico, acreditamos que a



Fig. 13 Vaso cerâmico da unidade [37] depositado ainda *in situ*.

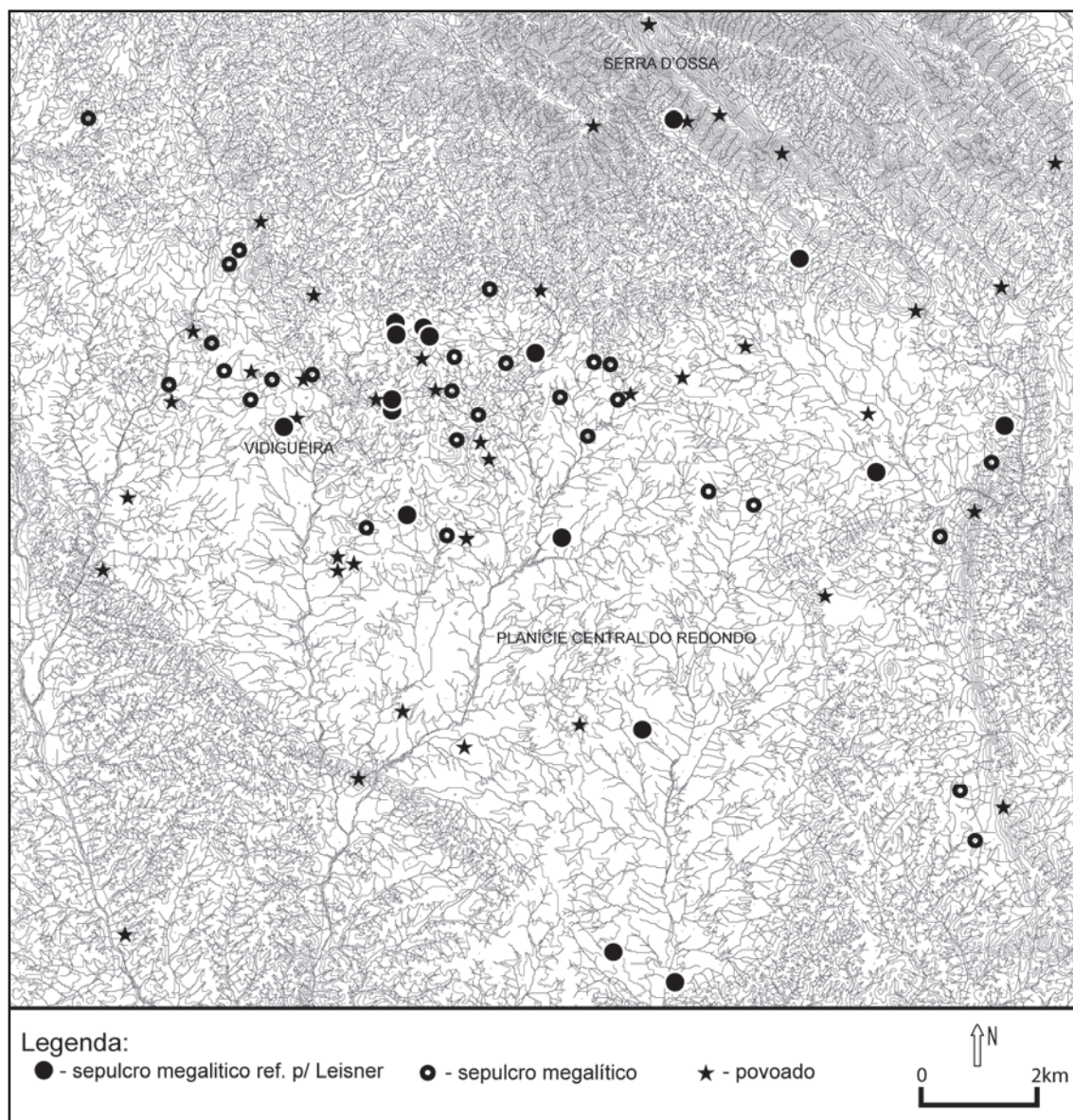


Fig. 14 O Megalitismo da aba sul da serra d'Ossa e as principais ocupações do IV/III milénio a.n.e.

construção e primeiras utilizações do monumento devem integrar-se entre os últimos séculos do IV milénio a.n.e. e os inícios do seguinte, não apresentando evidências de continuidade, como a ausência de ídolos-placa parece indicar. Esta assumpção coaduna-se com as presenças e ausências de determinados fósseis-directores comumente utilizados para propostas de cronologia relativa, e recentemente verificados em cronologia absoluta por um de nós (Boaventura, 2009).

Por entre o conjunto de cerâmicas de produção manual é bastante complexo descortinar outras presenças, no entanto, cremos que algumas poderão enquadrar-se na Idade do Ferro, que julgamos poder igualmente identificar, sempre em estratos revolvidos. Para além da cerâmica manual registaram-se algumas cerâmicas a torno passíveis de se integrarem nas tipologias sidéricas da região, ainda que não sejam absolutamente indubitáveis (Fig. 14). No entanto, a identificação recente do povoado da Vidigueira, situado a cerca de 100 m a poente do monumento, dá alguma consistência a esta possibilidade.

A presença da Época Romana é marcada, essencialmente, por material de construção, nomeadamente *tegulae*, *lateres* e *imbrices*, sendo a cerâmica comum claramente romana mais rara, tal como os fragmentos de vidro, eventualmente desse período (Fig. 14). Os estratos onde se encontram estas cerâmicas são essencialmente de enchimento de estruturas negativas de violação do monumento, tendo sido posteriormente revolvidos em épocas mais recentes, ainda que não seja de rejeitar a possibilidade de alguns estratos com presenças cerâmicas sidéricas se encontrem ainda preservados, caso das unidades mais antigas [48] a [51].

Contexto local e regional: o Megalitismo da aba sul da serra d'Ossa

A presença de sepulcros megalíticos no concelho do Redondo estrutura-se essencialmente na falda sul da serra d'Ossa, situada a nascente da grande concentração megalítica de Évora e a cerca de 30 km para norte da planície megalítica de Reguengos de Monsaraz. Ao invés destas, a do Redondo nunca foi objecto de um programa alargado de intervenções, ainda que seja mencionada desde cedo no panorama do Megalitismo alentejano.

A mais antiga referência ao Megalitismo do Redondo remonta a 1571, quando Frei Martinho de São Paulo relata a existência de duas antas dentro da cerca do Convento de São Paulo (serra d'Ossa), que tinham sido destruídas contra a sua vontade (Calado & Mataloto, 2001, p. 12).

Posteriormente, como já se referiu, em 1877 e 1879, Gabriel Pereira menciona novos sepulcros megalíticos neste concelho, nomeadamente a anta da Candeeira que, no final do século XIX, foi um dos pólos da discussão sobre a funcionalidade das antas, devido ao orifício que possui no esteio de cabeceira. Foi neste último artigo que deu a conhecer a anta de Vidigueira e a de Tesouras, posteriormente designada do Colmeeiro 1. Na sequência destes trabalhos, Possidónio da Silva fez, em 1883, um pequeno apontamento sobre estes monumentos. Como se disse, o Megalitismo do Redondo, nomeadamente a anta da Candeeira, esteve no cerne de acesos debates sobre a antiguidade do fenómeno megalítico, justificando a visita de Émile Cartailhac em 1880, e a sua menção no *Les Âges Préhistoriques de l'Espagne et Portugal* (1886, p. 171). José Leite de Vasconcelos cede, uma vez mais, algum destaque à anta da Candeeira no seu primeiro volume das Religiões da Lusitânia (1897), dada a presença do seu peculiar orifício no esteio de cabeceira. O mais extenso trabalho de inventariação destes monumentos coube, naturalmente, a G. e V. Leisner que, nas décadas de 40 e 50 do século XX, estruturaram aquele que é ainda hoje o maior *corpus* do Megalitismo peninsular (Leisner, 1948, 1949; Leisner & Leisner, 1959; Leisner, 1965; Kalb & Leisner, 1998). Somente no contexto das prospecções efectuadas com vista à elaboração da carta arqueológica do Redondo, volvidos mais de 40 anos sobre o trabalho do casal alemão, se voltou a dispor de um importante manancial de nova informação (Calado & Mataloto, 2001). Foi então, neste âmbito, que se veio a identificar e rever mais de duas dezenas de novos monumentos megalíticos, alguns dos quais conhecidos de há muito por grupos locais ligados à defesa do património. Após a conclusão destes trabalhos foram já referenciados mais cinco novos monumentos, o que deixa bastante claro o muito que ainda há para conhecer do Megalitismo da aba meridional da serra d'Ossa.

No total, o conjunto dos monumentos funerários do concelho do Redondo ascende já a cerca de meia centena, que se dispersa principalmente pelo amplo patamar que antecede as elevações da serra d'Ossa, essencialmente na envolvente da aldeia do Freixo, no qual se inclui a anta da Vidigueira (Fig. 14).

Todavia, para além da anta da Vidigueira, apenas o sepulcro do Caladinho (CNS 19040), situado na envolvente da vila do Redondo, mais de uma dezena de quilómetros a nascente da

primeira, foi objecto de escavação arqueológica, de que se apresentou já uma primeira leitura geral (Mataloto & Rocha, 2007). Esta estrutura, de planta circular provavelmente de 9 esteios de porte megalítico e um pequeno corredor, entregou um conjunto votivo que se pode integrar, genericamente, na primeira metade do III milénio a.n.e., relativamente mais avançado e diverso do que o recuperado na anta aqui em apreço.

A anta da Vidigueira, como já se referiu, enquadra-se dentro da área megalítica situada em torno da aldeia do Freixo, precisamente na transição entre a planície a sul e o patamar que antecede as elevações da serra d'Ossa. Dentro deste grupo, constituído por cerca de trinta monumentos, a anta da Vidigueira insere-se num *cluster* composto pelos sepulcros da Quinta do Freixo, todos eles em granito e de porte semelhante ao de Vidigueira, implantado na margem esquerda da Ribeira da Palheta, num raio pouco superior a 1 km para noroeste daquele. Uma vez mais, junto destes, conhecem-se diversos pequenos aglomerados de cariz aparentemente habitacional, caso do sítio da Quinta do Freixo (Calado & Mataloto, 2001, p. 34, 439-C.15), integrável nos inícios do III milénio a.n.e. Deste modo, e perante o conjunto de dados disponíveis, cremos ser possível conjecturar uma associação deste núcleo megalítico a pequenas instalações dispersas numa paisagem onde a vida e morte se estruturavam num conjunto cénico único, ainda que provavelmente dicotómico.

Na aba sul da serra d'Ossa é hoje possível detectar-se uma aparente distinção entre a designada planície central do Redondo e o extenso patamar que margina a serra, e ganha particular expressão na envolvente da aldeia do Freixo (Fig. 14).

Estas duas realidades podem, eventualmente, assumir-se como distintos territórios, com características diversas, ainda que plasmadas, onde a encenação da morte nos surge tratada de modo distinto. Assim, enquanto na planície e sua margem, se detecta uma realidade densamente ocupada com destacados povoados de altura, certamente fortificados, como o São Pedro (Mataloto, Estrela & Alves, 2009), Almo (Calado & Mataloto, 2001, p. 76), Pica na Velha (Calado & Mataloto, 2001, p. 62) ou São Gens (Mataloto, 2005), estruturados em torno do amplo povoado de Monte da Ribeira (Calado, 2001), mas onde escasseia a visibilidade da morte; já no patamar em redor da aldeia do Freixo, a rede de povoamento surge-nos densa, mas constituída por pequenas ocupações perenes, próximo das quais se estruturam aparentes conjuntos megalíticos, como que contrapondo a escassa entidade dos locais de povoamento. Esta possibilidade necessita, contudo, de um maior afinamento cronológico daquelas realidades pois, parece hoje mais claro que na sua maioria, as antas alentejanas e, por extrapolação, aquelas do Redondo, terão sido erigidas essencialmente entre meados e finais do IV milénio a.n.e., como um de nós demonstrou recentemente (Boaventura, 2009). Por outro lado, muitas das ocupações domésticas parecem remeter-se essencialmente para os finais do IV milénio a.n.e. e, maioritariamente, na primeira metade do III milénio a.n.e., à semelhança daquilo que a evidência arqueológica e as datações absolutas disponíveis para o Alentejo indiciam (Mataloto & Boaventura, 2009).

A escassez de dados não autoriza posições mais alargadas e peremptórias em torno do Megalitismo da aba sul da serra d'Ossa, no entanto, cremos que este primeiro estudo de um sepulcro megalítico de assaz visibilidade, mas bastante perturbado, contribuirá para o preenchimento de um cenário ainda bastante lacunar, do ponto de vista da gestão da morte das sociedades camponesas do IV e do III milénio a.n.e.

Noutro sentido, devemos entender a integração que estas estruturas funerárias, de grande visibilidade e porte, vão conhecendo ao longo do tempo, ajudando a fixar paisagens que vão sendo continuamente reconstruídas.

Redondo/Lisboa, inícios do Outono de 2010

Anexo – Listagem de unidades estratigráficas

- [1] Estrato de terra acinzentada, bastante solta, com frequentes pedras e cerâmica contemporânea, plástico e pequenos carvões. Resulta da utilização da câmara do monumento como lixeira.
- [2] Estrutura pétrea linear, construída em pedras de granito, xisto e quartzo, de pequeno e médio calibre, dispostas na horizontal. Base de colmeal, adossado pelo exterior ao lado sul do monumento.
- [3] Estrato de terra castanha-acinzentada, relativamente solta, que embala algumas pedras e abundantes raízes.
- [4] Estrato de terra cinzenta-acastanhada-clara, semicompacta, algo argilosa, com abundantes raízes, com areão de granito de muito pequeno calibre e raras pequenas pedras de quartzo e granito.
- [5] Estrato de terra castanha-amarelada, semicompacta, com areão de granito, que embala pedras de granito de pequena e média dimensão.
- [6] Estrato de terra cinzenta-acastanhada, semicompacta, algo e argilosa e com areão de granito muito miúdo, que embala pedras de granito de pequena dimensão, e abundantes bioturbações de raízes.
- [7] Estrato de terra cinzenta-acastanhada, semicompacta, escassas pedras de granito de pequena e média dimensão, para além de abundantes raízes.
- [8] Estrato de terra castanho-amarelado-escuro, areno-argiloso, semicompacta, com frequente areão granítico de pequeno calibre e frequentes bioturbações.
- [9] Estrutura negativa de planta ovalada e perfil cónico, que cortou profundamente os estratos do interior da câmara.
- [10] Estrato de terra cinzenta-amarelada escura, semicompacta, com frequente areão de granito e cascalho grosseiro, com bastantes bioturbações.
- [11] Estrato de terra castanha-acinzentada, argilosa, semicompacta a compacta, com areão granítico frequente e algum cascalho grosseiro de quartzo.
- [12] Conjunto de pedras de granito de forma irregular, dispersas aleatoriamente, embaladas por terra cinzenta-escura, compacta, com frequente areão.
- [13] Terra castanha-escura, muito humosa, que embala frequente pedra solta de granito e alguma cerâmica de construção e comum.
- [14] Estrato de terra castanha-escura-acinzentada, semicompacta, com algumas perturbações por raízes.
- [15] Estrato de terra castanha-amarelada-escura, compacto, que embala pedras de média dimensão em granito.
- [16] Estrato de terra cinzenta-escura, compacta, que embala pedras de granito de média dimensão, de forma irregular.
- [17] Estrutura negativa, de planta irregular alongada, com limites bem vincados, apenas parcialmente delimitada no interior da área escavada e que poderá corresponder à vala de violação para saque de pedra dos esteios do lado sul do corredor.
- [18] Estrato de terra castanha escura, semicompacta e argilosa, com raras pequenas pedras de granito.
- [19] Estrato de terra castanha-amarelada-escura, compacta, com frequente areão granítico e raízes.
- [20] Estrato de terra amarelo-escuro-acinzentado, semicompacta, algo argilosa com cascalho grosseiro, para além de algumas pequenas pedras de granito e xisto.
- [21] Estrato de terra cinzenta-escura, semicompacta a compacta, com frequente areão granítico.

- [22] Estrato de terra cinzenta-escuro, argilosa e compacta, que embala pedras de pequeno e médio calibre, irregulares, em granito.
- [23] Estrato de terra cinzenta-acastanhada-escuro, semicompacta e com frequente areão granítico, que embala frequente pedra de pequena e média dimensão, de quartzo e granito.
- [24] Estrato de terra castanha-acinzentada, semicompacta e com frequente areão granítico, delimitada por pedras de pequena e média dimensão em granito.
- [25] Estrato de terra amarelada, semicompacta, com areão granítico e alguns nódulos de argila alaranjada, que embala pedras de pequena dimensão em granito, irregulares, que a delimitam.
- [26] Estrato de terra cinzenta-acastanhada-clara, compacta com areão granítico, algumas raízes, que embala pedras de pequeno e médio calibre, de quartzo e granito.
- [27] Estrato de terra amarelada, compacta, com frequente areão granítico, que embala pedras de pequena e média dimensão.
- [28] Estrato de terra castanha-acinzentada-clara, semicompacta com frequente areão granítico, algum cascalho grosseiro e bioturbações.
- [29] Estrato de terra negra, compacta e argilosa, com abundante cascalho de quartzo e algumas pedras de pequeno e médio calibre de granito.
- [30] Estrato de terra castanha-amarelada, semicompacta e argilosa, que embala algumas pedras de pequena e média dimensão, de granito com alguns carvões.
- [31] Estrato de terra castanha-escuro-acinzentada, semicompacta, com frequente areão e cascalho grosseiro de quartzo.
- [32] Conjunto de pedras de pequena e média dimensão, essencialmente de granito, quartzo e raras de xisto, dispersas aleatoriamente na sub-horizontal e em cutelo, embaladas numa terra castanha-acinzentada-escuro, semicompacta, com frequente areão granítico e algum cascalho grosseiro.
- [33] Estrato de terra castanha-amarelada-escuro, semicompacta com frequente areão granítico, que embala frequentes pedras de pequena e média dimensão, de forma irregular.
- [34] Estrato de terra cinzenta-acastanhada, compacta, que embala pedras de granito de pequena e média dimensão.
- [35] Conjunto de pedras de pequena e média dimensão, essencialmente de granito e raras de quartzo, dispersas aleatoriamente na sub-horizontal e em cutelo, embaladas numa terra cinzenta-acastanhada-clara, semicompacta, com frequente areão granítico e algum cascalho grosseiro.
- [36] Unidade negativa de planta alongada, pouco profunda, que abrange o tramo inicial do corredor.
- [37] Estrato de terra negra, argilosa e bastante compacta, que embala uma peça completa.
- [38] Interface de utilização representado pela deposição da peça cerâmica completa.
- [39] Estrato de terra castanha-acinzentada, semicompacta, com frequente areão granítico, que embala pedras de granito e quartzo de pequena dimensão.
- [40] Estrato de terra castanha-amarelada, semicompacta com frequente areão granítico, que embala pedras de granito de pequena e média dimensão, assim como algumas lajes de xisto, inclinadas no sentido do centro da câmara.
- [41] Estrato de terra castanha-acinzentada, semicompacta que embala pedras de granito de pequena e média dimensão de forma irregular.
- [42] Estrato de terra castanha-escuro, semicompacta a compacta, que embala pedras de pequena e média dimensão de formas irregulares.
- [43] Estrato de terra cinzenta-amarelada, semicompacta e argilosa, que embala frequentes pedras irregulares de granito de pequena e média dimensão e algumas lajes de xisto.

- [44] Conjunto bastante compacto de pedras irregulares de pequena, média e grande dimensão, em granito e raras de xisto.
- [45] Estrato de terra castanho-cinza-amarelado, semcompacta e argilosa, com algum cascalho miúdo de quartzo, que embala pedras irregulares de granito sem organização aparente.
- [46] Estrato de terra cinzenta-acastanhada com nódulos alaranjados, semcompacta e argilosa, que embala pedras de granito e quartzo de pequena dimensão.
- [47] Estrato de terra cinzenta-clara-acastanhada, algo compacta mas bastante arenosa, que embala pedras de pequena e média dimensão.
- [48] Estrato de terra cinzenta-acastanhada, compacta, que embala pedras de granito de pequena e média dimensão; possuía ainda uma grande laje de xisto disposta em cutelo.
- [49] Estrato de terra castanha-acinzentada, semcompacta e argilosa, com frequente areão granítico, que embala algumas pedras de pequena dimensão.
- [50] Estrato de terra cinzenta com nódulos alaranjados, semcompacta e argilosa, com frequente cascalho grosseiro de quartzo.
- [51] Estrato de terra castanha-acinzentada-escura, muito argilosa, com frequente areão de granito, que embala pequenas pedras irregulares de granito.
- [52] Esteio 1 do lado sul do corredor, único conservado, em granito, com 1,5 m x 1,04 m (visível).
- [53] Esteio 1 da câmara, bloco granítico sub-rectangular, com c. 2,60 x 1,2 m (visível); a sua base foi quase integralmente delimitada.
- [54] Esteio 2 da câmara, bloco granítico sub-rectangular, com c. 2,85 x 1,58 m (visível); a base foi apenas parcialmente delimitada.
- [55] Esteio 3 da câmara, bloco granítico troncopiramidal, com c. 2,52 x 1,4 m (visível); a base foi apenas parcialmente delimitada.
- [56] Esteio 4 da câmara (cabeceira), bloco granítico sub-rectangular, com c. 2,70 x 1,8 m (visível); a base foi apenas parcialmente delimitada.
- [57] Esteio 5 da câmara, bloco granítico troncopiramidal, com c. 2,5 x 1,4 m (visível); a base foi apenas parcialmente delimitada.
- [58] Esteio 6 da câmara, bloco granítico sub-rectangular, com c. 1,7 x 0,97 m (visível); a base foi apenas parcialmente delimitada.
- [59] Esteio 2 da câmara, bloco granítico troncopiramidal, com c. 2,65 x 1,55 m (visível); a base foi apenas parcialmente delimitada, encontrando-se bastante inclinado para o interior do monumento.
- [60] Esteio 1 do lado norte do corredor, bloco sub-rectangular em granito, com 1,56 m x 1m (visível).
- [61] Esteio 2 do lado norte do corredor, bloco sub-rectangular em granito, com 1,4 m x 1,1 m (visível).
- [62] Esteio 3 do lado norte do corredor, bloco sub-rectangular em granito, com 1,22 m x 1,06m (visível).
- [63] Esteio 4 do lado norte do corredor, bloco sub-rectangular em granito, com 1 m x 0,95 m (visível).
- [64] Bloco ovalado, truncado no lado norte, bastante espesso na área central, marcada por uma crista, em cuja extremidade nascente se insculpiram 14 covinhas.

NOTAS

- * Câmara Municipal do Redondo. rmataloto@gmail.com
 ** UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
 PortAnta, Associação de Arqueologia Ibérica
boaventura.rui@gmail.com
¹ Anta identificada por um dos signatários (R.M.) e por Leonor Rocha.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- BOAVENTURA, Rui (2009) - *As antas e o Megalitismo da região de Lisboa*. Dissertação de Doutoramento. Policopiado. Universidade de Lisboa.
- BOAVENTURA, Rui; LANGLEY, Maia. (2007) - Georg Leisner (1870-1957): determinação na busca do Megalitismo ibérico. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.ª série. 25, pp. 167-176.
- BOAVENTURA, Rui; LANGLEY, Maia (no prelo) - Matrimónio Leisner: a pretexto do seu centenário, o episódio de Coimbra. *Al-madan*. Almada.
- CALADO, Manuel (1993) - *Carta arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal.
- CALADO, Manuel; MATALOTO, Rui (2001) - *Carta arqueológica do Redondo*. Redondo: Câmara Municipal.
- CARTAILHAC, Émile (1886) - *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris: Ch. Reinwald.
- GONÇALVES, Victor S. (1989b) - *Megalitismo e metalurgia no alto Algarve oriental: uma perspectiva integrada*. Lisboa: INIC/UNIARQ.
- GONÇALVES, Victor S. (1992) - *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC.
- GONÇALVES, Victor S. (1996) - Pastores, agricultores e metalurgistas em Reguengos de Monsaraz: os 4º e 3º milénios. *Ophiussa*. Lisboa. 0, pp. 77-96.
- GONÇALVES, Victor S. (1999) - *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- GONÇALVES, Victor S. (2003a) - *STAM-3, a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GONÇALVES, Victor S. (2003b) - *Sítios, «horizontes» e artefactos: leituras críticas de realidades perdidas*. 2.ª ed. Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, Victor S. (2003c) - A Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (Reguengos de Monsaraz, Évora). As intervenções de 1996 e 1997 e duas datas de radiocarbono para a última utilização da câmara ortostática. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 143-166.
- HARRIS, Edward C. (1979) - *Principles of archaeological stratigraphy*. London; New York, NY: Academic Press.
- LARSSON, Lars (2000) - Symbols in stone: ritual activities and petrified traditions. In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, UTAD, Vila Real, Setembro de 1999*. Porto: ADECAP, vol. 3, pp. 445-458.
- LEISNER, Georg (1948) - Antas dos arredores de Évora. *A Cidade de Évora*. Évora. 15, pp. 3-40.
- LEISNER, Georg (1949) - Antas dos arredores de Évora. *A Cidade de Évora*. Évora. 17, pp. 499-534.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1951) - *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARCH (reed. 1985).
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1955) - *Antas nas Herdades da Casa de Bragança no Concelho de Estremoz*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança; Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1956) - *Die Megalithgräber der iberischen Halbinsel: der Westen (1)*. Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1959) - *Die Megalithgräber der iberischen Halbinsel: der Westen (2)*. Berlin: Walter de Gruyter.
- MATALOTO, Rui (2006) - Entre Ferradeira e Montelavar: um conjunto artefactual da Fundação Paes Teles (Ervedal, Avis). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, pp. 83-108.
- MATALOTO, Rui; ROCHA, Leonor (2007) - O monumento ortostático do Caladinho (Redondo, Alentejo Central). In *Actas do III Congresso de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Aljustrel: Câmara Municipal, pp. 107-116.
- MORÁN, Elena; PARREIRA, Rui (2004) - *Alcalar 7. Estudo e reabilitação de um monumento megalítico*. Lisboa: Ministério da Cultura/IPPAR.
- OLIVEIRA, Jorge (1995) - *O Megalitismo da bacia hidrográfica do rio Sever*. Évora. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Évora (Policopiado).
- PEREIRA, Gabriel (1877) - O dólmen furado da Candeeira. *O Universo Ilustrado*. Lisboa. 47, p. 372.
- PEREIRA, Gabriel (1879) - *O dólmen furado da Candeeira. Notas d'arheologia*. Évora: Tip. de Francisco Cunha Ribeiro.
- SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da (2002) - Capturar a mudança na Pré-História Recente do Sul de Portugal. In *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP. Vol. IV, pp. 213-224.
- VASCONCELOS, José Leite de (1897) - *As religiões da Lusitânia*. Vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional.